

O PROCESSO DA ESCOLARIZAÇÃO NO CAMPO, INGRESSO NA UNIVERSIDADE E O TRABALHO COM A EDUCAÇÃO POPULAR

Henrique Bocalon; Lisiane Costa Claro; Vilmar Alves Pereira

Resumo

O presente trabalho é um relato de minha experiência realizado pelo Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes da Educação Popular e Conhecimento Acadêmico, vinculado ao Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior da Universidade Federal do Rio grande. O objetivo principal é discutir sobre a educação popular, a educação no campo e relatar vivências incluindo o emponderamento do espaço da população no âmbito universitário. Dos teóricos motivaram nossos estudos, podemos citar Arroyo, Caldart e Molina (2004) que em suas obras referenciam a cultura e como esta se dá pela forma com que os mesmos lidam com o tempo, meio-ambiente, pelas formas de organização familiar, comunitas, de trabalho e educação.

Introdução

Sabemos que as possibilidades de ingresso à Universidade não acontecem da mesma forma para todos os sujeitos que buscam no processo da educação formal novas formas de pensar e agir no mundo. Essa desigualdade, ocorre a partir das fragilidades nos processos de escolarização na esfera pública, onde, em muitas ocasiões, acompanhamos historicamente que os interesses do Estado interferem de forma crucial no âmbito educacional. Quando voltamos para as escolarização nos espaços rurais, essas desigualdades acentuam-se.

É pensando nessa situação, que buscaremos abordar nesse espaço a minha trajetória oriundo da zona rural da localidade de Sertão/RS, sobretudo, aos sentidos atribuídos à educação. Além disso, enquanto sujeito oriundo desse contexto, que adentra o espaço da Universidade e agente atuante por uma educação no horizonte libertador e emancipatório, almejamos apresentar algumas possibilidades na busca por *ser mais*.

Nesse sentido, questionamos: Quais os sentidos que sujeitos oriundos do campo atribuem à escolarização e a educação em seu sentido amplo? O que um sujeito que se

constitui nesse espaço encontra ao adentrar a Universidade? Qual o impacto de uma educação que não atende ao meio ao qual está inserida?

A educação no espaço do Campo

Ao abordar os processos educativos nos espaços do campo, é interessante que possamos apontar alguns aspectos e concepções que definem as ações nesse contexto. As pessoas que vivem no campo constituem sua própria cultura, sua identidade baseada em suas realidades vividas, suas lutas e resistências.

O campesinato segundo Pires (2012) se constitui de três elementos ligados; o acesso à terra para a produção; trabalho familiar; e constituição de unidade de consumo e produção. O fator problema disso se constitui de quando o indivíduo se torna obrigado a dedicar-se inteiramente a isso, sem ser lhe dada oportunidade de novas conquistas. Em épocas de produção intensa, como colheitas e plantios, é comum a diminuição da frequência escolar dos alunos vindo do campo nas salas de aula. Outro fato importante de se resaltar é que no Movimento Sem Terra geralmente as crianças não frequentam a escola, comprometendo muito seu futuro.

Nesse âmbito, buscar uma educação conjunta se faz em compreender as particularidades das populações que vivem no campo, para que se possa reconhecer essas especificidades de forma crítica. Desse modo, a escolarização necessita estar em coerência com as atividades cotidianas dos camponeses.

É possível afirmar a necessidade de conceber a Educação do Campo por meio do diálogo entre os elementos Campo, Políticas Públicas e Educação. Assumir essa postura é reconhecer a história da Educação do Campo, a qual nasceu como mobilização de movimentos sociais em prol de uma política educacional para os povos do campo. Foi um processo que emergiu das manifestações dos Sem Terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de Reforma Agrária, junto às resistências de comunidades do campo para manterem suas escolas (CALDART, 2007).

Quando se afirma que os sujeitos do campo demonstram experiências e alternativas que arranham a lógica capitalista, a qual fomenta o individualismo a partir da ideia de lucro – estabelecendo as relações de opressor/oprimido –, anuncia-se a possibilidade de uma nova lógica, embasada na coletividade, na cooperação e na

horizontalidade das relações (desde seus aspectos econômicos aos sociais). Esse movimento aponta que a educação capitalista, sua formação fragmentada de cunho tecnicista e unilateral, deve sofrer o contraponto a partir da construção da classe trabalhadora por seu projeto educativo na perspectiva emancipatória, partindo de uma formação omnilateral (Trindade e Vendramini, 2011).

Esse tipo de composição é a desejada para todas as camadas trabalhadoras, desencadeando uma discussão levada para todas as camadas trabalhadoras do campo, portanto, entende-se que omnilateralidade é:

[...] a chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidades produtivas e, ao mesmo tempo, a uma totalidade de capacidades de consumo e prazeres, em que se deve considerar, sobretudo, o gozo daqueles bens espirituais, além dos materiais, e dos quais o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão do trabalho (MANACORDA, 2007, p. 89).

Assim, teremos uma educação mais completa, que não se limite somente a acabar com as exigências da produção e acumulação. Mészáros (2006) considera que a educação na sociedade capitalista apresenta a função de produzir as qualificações necessárias para manter a economia, além de ser responsável pela formação dos quadros e elaboração dos métodos de controle político. Logo, a educação direcionada ao trabalhador do campo deveria romper barreiras e ultrapassar este último sentido citado.

Ao compreender alguns aspectos que definem a Educação do Campo, entendemos que se trata de uma concepção que reivindica a educação enquanto direito humano, o qual deve ser atendido seja no espaço da cidade seja no meio rural. No entanto, quando no espaço do Campo, essa educação precisa acontecer de forma a negar os valores mercadológicos, tão presentes no espaço urbano. O Campo é um espaço de disputa e por esse motivo, passamos a relatar a trajetória de um educando oriundo de um espaço rural, o qual acredita na educação enquanto uma forma viável de fazer uma transformação radical no que tange ao acesso a uma educação emancipatória.

Portanto, acreditamos que a Educação do Campo, aproxima-se com a Educação Popular na qual compreendemos seu propósito a partir de Brandão (2006) e Freire (2005). Nesse viés, essa concepção demonstra o esforço de mobilizar e organizar as classes populares com o objetivo de conceber um poder popular. (FREIRE, 2001).

Dessa forma, a Educação Popular compreende intencionalidade emancipatória, processo construído por meio do diálogo, que por sua vez conduz os sujeitos a uma visão crítica acerca das relações sociais de produção.

Ao negar discursos e práticas que insistem em se manterem, numa tendência clara de homogeneizar o saber dos educandos. A Educação Popular assume posturas nas quais os sujeitos partilham saberes e fazeres, a fim de exercer, para além de sua cidadania, as possibilidades de se reconhecerem enquanto seres detentores de especificidades e crenças, ou seja, se percebem produtores de sua trajetória. De acordo com Brandão:

Educação popular é aquela que ao longo da História da própria Educação, insiste em fazer a seu respeito e também sobre o sentido social do ato de educar, as perguntas mais radicais e as mais difíceis, para se obter, se isso é possível, as respostas mais concretamente utópicas. (2006, p.10)

Podemos afirmar que esse horizonte educativo não se conforma em aceitar respostas fixistas que tendem a perpetuar desigualdades. Com isso, os sujeitos envolvidos nesse processo questionador tornam-se atores sociais que fomentam mudanças e rupturas por meio de sua “curiosidade epistemológica” – exercício esse que, na luta pela emancipação, leva à consciência crítica.

Para Freire a Educação Popular é um fenômeno educativo, o qual contempla valores éticos que promovem atitudes democráticas e que buscam a liberdade dos atores sociais. Esses valores efetivam-se como prática para a um processo emancipatório. Dessa forma essa educação atua:

[...] como gesto necessário, como impulso fundamental, como expressão de vida, como anseio quando castrada, como ódio quando explosão de busca, que nos vem acompanhando ao longo da história. Sem ela, ou melhor, sem luta por ela, não é possível criação, invenção, risco, existência humana. (FREIRE, 1991, p. 50)

Entendemos então pela ótica de Freire, que Educação Popular seja uma construção junto às camadas populares a partir de seu contexto, com o propósito de transformação política e social.

O ingresso na Universidade e a busca do *Ser Mais* com a Educação Popular

Meus pais, ambos, vieram de uma comunidade do campo, isso dificultou tanto a vida deles que ambos não possuem ensino médio completo, pois eles trabalhavam ajudando seus pais na plantação. Com o passar dos anos ambos foram fazer sua vida na cidade, e não tiveram a oportunidade de seguir seus estudos, isso os motivou muito a fazer com que seus filhos se interesassem por educação desde pequenos.

Tanto na família do meu pai, quanto na família da minha mãe, não há ninguém que possua graduação, meu avô paterno pagava um curso de costureira para as mulheres e dava um arado para os homens, afirmando que isso iria fazelos ter uma vida melhor do que se fossem à escola. Já a geração seguinte, a minha, pode se dizer que todos tiveram oportunidade de ter um ensino superior, porém, isso pode se dizer que mais da metade não está cursando.

Alguns primos seguiram os estudos e hoje em dia estão na graduação, porém foram muito limitados a escolha do curso, pois teriam que trabalhar durante o dia para poder pagar o transporte e os gastos da universidade. Outro fato que limitou muito, foi não haver universidades públicas na minha região, restando apenas as particulares, sendo assim, tiveram que optar por participar do programa FIES.

Eu sempre quis cursar engenharia, porém meus pais não tinham condição de pagar a mensalidade de uma universidade particular e mais os custos, como transporte, alimentação e outros. Então, quando ingressei no ensino médio resolvi que tentaria estudar numa universidade federal. E assim foi, me dediquei com esse objetivo nos três anos seguintes e realizei um curso pré universitário, com muita dificuldade, pois em minha cidade não havia, logo eu tinha que pagar passagem para a cidade mais próxima todos os dias e mais a mensalidade do curso. Ingressei no curso de Engenharia Civil

Costeira e Portuaria, na Universidade Federal do Rio Grande, realizando meu sonho e quebrando a normatividade vivida em minha família.

Meus pais sempre me apoiaram, porém lembro de tios meus dizerem que não valia a pena, inclusive sugeriram que eu fizesse um curso de confeitiro, que em menos tempo eu estaria recebendo uma quantia significativa e com menos esforço. Porém não dei ouvidos, e assim fui o primeiro da família a ingressar em uma universidade pública.

Quando entrei na universidade vi a necessidade em contribuir de alguma forma para mudar a realidade de tanta gente que sonha em entrar na universidade, que hoje em dia é em grande parte elitista, coisa que está mudando, mas ainda é presente no dia a dia da universidade pública. Em minha turma, de 50 estudantes, apenas eu e mais três são oriundos de escola pública.

Então, logo descobri a existência do PET Conexões de Saberes da Educação Popular e Saberes Acadêmicos, através de uma colega que era educadora em curso pré universitário popular, me interessei em fazer parte pois vi ali a oportunidade de contribuir compartilhando conhecimentos. Me inscrevi no edital e entrei para o grupo, lá eu descobri um mundo de pessoas comprometidas com a classe popular, compreensivas e que lutam para um mundo melhor.

Hoje em dia, sou coordenador de um curso pré universitário popular que funciona a noite dentro da FURG, lidando com diversas realidades que só me motivam cada vez mais a estar ali. Também sou educador da matéria de física em outro curso pré universitário, compartilhando conhecimento e vivências.

Não tenho palavras pra dizer o quanto o PET mudou minha vida, é a sensação de estar no mundo para contribuir de alguma forma que seja, divido meu tempo com a educação popular e a engenharia, dois saberes distintos mas que sempre se relacionaram de forma indireta, e tenho o sentimento de bem estar comigo mesmo, de olhar para trás, ver de onde vim, quem sou, e no que me transformei, no quanto evolui como pessoa.

Referências

ARROYO, M. G.; CALDART, R.; MOLINA, M. C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

BRASIL, Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. DECRETO Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7352.htm> Acesso: 12.mai.2010.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer:** teoria e prática em educação popular. Petrópolis: Vozes, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2006.

RIBEIRO, M. Pedagogia da alternância na educação rural/do campo: projetos em disputa. In: **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 34, nº 1, p.27-45. Jan/abril, 2008.

TRINDADE, G.; VENDRAMINI, B. A relação do trabalho e educação na pedagogia da alternância. **Revista HISTEDR On-line,** Campinas, n.44, p.32-46, dez2011. Disponível em: < http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/44/art03_44.pdf > Acesso em: 10 mar. 2013.